

TRABALHOS DE
ANTROPOLOGIA
E ETNOLOGIA

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1988

28

SUMÁRIO

<i>Programa do dia 23 de Setembro de 1988</i>	9
<i>A Arqueologia dos Castros no Norte de Portugal: balanço e perspectivas de investigação</i> , por Manuela Martins	11
<i>Debate</i>	37
<i>Arqueoloxía Medieval en Galicia: unha aproximación</i> , por Francisco Fariña Busto & José Suarez Otero	49
<i>Debate</i>	79
<i>Notas para o estudo do período Castrejo-Romano no Concelho de Arouca</i> , por António Manuel dos Santos Pinto da Silva	85
<i>Aplicación de un modelo etnoarqueolóxico a la agricultura castreña</i> , por J. M. Vázquez Varela	99
<i>La industria lítica tallada en la cultura castreña del suroeste de Galicia</i> , por Juan Antonio Cano Pan	107
<i>Los objetos metálicos del Castro de Torroso (Mos, Pontevedra)</i> , por Antonio de la Peña Santos	113
<i>Dos modelos de habitat castreño: Castro de Troña y Castro de Fozara</i> , por Jose Manuel Hidalgo Cuñarro & Eugenio Rodríguez Puentes	133
<i>Debate</i>	145
<i>Que áreas de produção e de distribución de fibulas do tipo transmontano e do tipo Meseta no nosso país?</i> por Salette da Ponte	157
<i>Problemas de compartimentación espacial do castrexo galaico</i> , por L. Xulio Carballo Arceo, Juan L. Naveiro Lopez & Pepa Rey Castineira	167
<i>Caixas-relicário medievais de S. Torcato (Guimarães) (Resumo)</i> , por Mário Jorge Barroca & Manuel Luís Real	185
<i>Escavações arqueológicas na Igreja de S. Mamede (Torre de Moncorvo)</i> , por Alexandra Cerveira Lima, Miguel Rodrigues, Nelson Rebanda, Paulo Dórdio Gomes & Ricardo Teixeira	187
<i>Ferrarias medievais do Norte de Portugal</i> , por Mário Jorge Barroca	211
<i>Escavações arqueológicas de Dume (S. Martinho) — resultados preliminares</i> , por Luís Fernando de Oliveira Fontes	243
<i>Fragmentos de dos piezas con decoración visigoda de Santianes de Pravia (Asturias)</i> , por Paloma García Díaz	257
<i>Debate</i>	269
<i>A área de abastecimento de recursos pétreos na cultura castrexa: o caso do Val do Deza</i> , por Luis Xulio Carballo Arceo & Manuel Lopez Cota	275
<i>Vía romana nos concellos do Pino e Boimorto (Á Coruña — Galicia): vestixios arqueolóxicos e probable trazado</i> , por Fermín Pérez Losada	291

<i>Prospeccion electrica en zona urbana: aplicacion al estudio del trazado de la muralla romana de Gijón (Zona este)</i> , por M. C. Hernández Lucendo, M. E. Cámara Moral, C. Fernández Ochoa & P. García Días	313
<i>Datos paleontológicos sobre la ganadería de la cultura castreña en Galicia</i> , por Rafael Penedo Romero	325
<i>Arqueosub en el Atlantico: prospecciones subacuaticas en la Galicia meridional</i> , por Javier Francisco Luaces Anca & Maria Cristina Toscano Novella	341
<i>Debate</i>	347
<i>Participantes nos debates</i>	348
<i>Sessão de encerramento. Alocução</i> , por Vítor Oliveira Jorge	349
<i>Alocução</i> , por Fernando Real	353
<i>Alocução final</i> , por Artur Carvalho Borges	355

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE DUME (S. MARTINHO) — resultados preliminares

por

Luis Fernando de Oliveira Fontes

1. INTRODUÇÃO

O achado de ruínas arqueológicas no subsolo da Capela de Nossa Senhora do Rosário, na freguesia de Dume, e a pretensão das entidades locais de fazer obras de ampliação na Igreja Paroquial, localizada junto à primeira, levaram os seus responsáveis a solicitar, em 1986, a intervenção do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte. Ao implicarem remeximentos do subsolo, os trabalhos de construção civil constituíam uma séria ameaça ao estudo e preservação futura de importantes vestígios arqueológicos de época romana e alto-medieval, que inúmeros achados e referências documentais atestavam para o local¹.

Neste sentido, o S.R.A.Z.N. e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho implementaram um programa de escavações de emergência em Dume, a fim de se determinar a importância dos vestígios e promover a sua salvaguarda e estudo.

As escavações decorreram de Fevereiro a Dezembro de 1987², incidindo em áreas ameaçadas por obras já em curso, caso do interior da Capela de N. S.

¹ A localidade de Dume é conhecida, já desde o Séc. XVIII (ARGOTE 1747) pela abundância de vestígios arqueológicos de época romana, que trabalhos agrícolas ou de construção civil foram casualmente colocando a descoberto. Por outro lado, inúmeras fontes documentais referenciaram para o local uma intensa ocupação medieval, associada sobretudo ao Bispado de Dume, sendo o túmulo do Bispo de S. Martinho a expressão material mais significativa que se conhece. Embora os achados se dispersem por toda a freguesia, é notável a sua abundância nas proximidades da igreja paroquial: praticamente em todas as casas e terrenos contíguos se encontram fragmentos de fustes e bases de colunas, cerâmica e telha, e mesmo epígrafes romanas (COSTA 1965; COUTINHO 1957; FREITAS 1890; LEAL 1874; MACIEL 1980; MARTINS 1987; SILVA 1919).

² Os trabalhos foram dirigidos pelo signatário sob a supervisão do Dr. Francisco M.S. de Sande Lemos (então director do S.R.A.Z.N.). Contamos ainda com a colaboração do Dr. Manuel L. Real, a quem agradecemos o acompanhamento dos trabalhos.

do Rosário (Sector B), e em áreas cuja ameaça se manifestaria a curto prazo, caso do adro a Sul da Igreja Paroquial (Sector A).

Os objectivos da escavação, condicionados pelo carácter de salvamento que a intervenção revestia, orientaram-se sobretudo para a confirmação, ou infirmação da existência de vestígios arqueológicos, avaliação da sua importância e extensão e, complementarmente, para a apreensão da sequência ocupacional do sítio.

Os resultados obtidos ultrapassaram as expectativas iniciais, justificando pois a sua divulgação, ainda que de um modo necessariamente sucinto e sem prejuízo de uma futura análise mais ampla e pormenorizada.

2. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A estação arqueológica situa-se no lugar do Assento, junto à igreja paroquial de Dume, nos arredores de Braga.

As coordenadas geográficas do lugar, tiradas em relação à torre sineira da igreja,³ são:

Latitude — 41 33 18 N

Longitude — 0 41 25 E (meridiano Lisboa).

A estação localiza-se na chamada «ribeira de Dume», em pleno vale do Cávado e próximo do maciço montanhoso que limita a bacia hidrográfica a Sul, no início da planície que se estende até ao rio com um suave pendor para Oeste. A altitude média do local é de 90 metros.

O substrato rochoso granítico, granito porfiróide de grão grosso a fino⁴, e coberto por um espesso solo humoso abundantemente irrigado pelas linhas de água que descem das elevações a Sul (Montélios, Monte Crasto e Montariol), e que vão juntar-se na Ribeira de Gafos atravessando a planície em direcção ao Cávado.

A paisagem envolvente é marcadamente rural, de tipo «bocage», apresentando-se retalhada em pequenas propriedades intensamente agriculturadas, onde as culturas do milho, leguminosas, vinho e forragens constituem as principais produções.

O acesso à estação arqueológica pode fazer-se a partir de Braga, seguindo pela estrada E.M. 589 até ao seu cruzamento com a E.N. 205-4. Aí, virando à esquerda, e a cerca de 120 metros, encontra-se a Igreja Paroquial de Dume, construída sobre as ruínas do antigo templo.

³ Folhas n.º 56 e 70 da carta 1:25 000 dos S.C.E.

⁴ Folha 5D-Braga da carta 1:50 000 dos S.G.P.

3. ESTRUTURAS, ESTRATIGRAFIA E ESPÓLIO

Por razões de facilidade de exposição e limitação de espaço e tendo como vector orientador a sequência construtiva registada, faremos uma abordagem simultânea dos vestígios dos dois sectores escavados, integrando a caracterização das construções, a leitura estratigráfica e a análise do espólio exumado.

Fase 1 — Os vestígios mais antigos correspondiam, no Sector A, a um recorte aberto na arena granítica (estrutura A), de forma tronco-cónica invertida, com uma profundidade de 0, 60 m e 0, 70 m de largura máxima, que se estendia por toda a área escavada com uma orientação Noroeste/Sudeste; no Sector B, correspondiam a dois muros que constituíam os limites Norte e Sul de uma ampla área pavimentada com «opus signinum» (estruturas A' e F'). Em alvenaria de pedra e fragmentos de tijolo, ligados por argamassa amarela, os muros revelavam nas suas faces um aparelho regular resultante do assentamento de paralelepípedos de granito, com a face externa afeiçãoada, em fiadas horizontais. Com cerca de 0,50 m de largura e uma orientação igualmente Noroeste/Sudeste, as paredes assentavam directamente na arena granítica, ligeiramente afeiçãoada para as receber. A ligação parede/pavimento era feita através de uma cinta de fragmentos de «tegulae», tipo rodapé.

A estrutura do Sector A, que interpretamos como vala de fundação, corresponderia a um muro que, pela sua orientação, se articularia com os do Sector B. O espólio recolhido nos enchimentos associados a esses vestígios, por ser exclusivamente de fabrico romano, reforça essa articulação.

As cerâmicas comuns são predominantes, limitando-se as cerâmicas de importação e alguns fragmentos de ânfora de formas indetermináveis e a 3 fragmentos de Sigillata Hispanica datável dos Sécs. I e II d.C.⁵. Recolheram-se também 3 fragmentos de vidro de cor verde-gelo, decorados com um fio relevado de vidro branco, de forma indeterminável, datável do Séc. I d.C. (ALARCÃO 1965).

Este conjunto de estruturas e camadas deverão corresponder aos vestígios de uma «villa» romana, cuja existência se presumeia da abundância de epígrafes dessa época encontrados nas imediações⁶.

Fase 2 — A fase seguinte correspondia, no Sector B, a uma reutilização/adaptação de parte da «villa», revelada pela construção de uma nova parede (estrutura C') e novo pavimento que, mantendo embora a mesma orientação de base, terão definido novos espaços interiores.

⁵ Agradecemos a identificação da Sigillata à Dra. Manuela Delgado, que nos forneceu também indicações para caracterizar as cerâmicas.

⁶ Sintomaticamente, as datações apontadas por Alain Tranoy para algumas epígrafes de Dume (TRANOY 1981) concordam com a cronologia fornecida pelo espólio.

O novo pavimento, de terra batida, recobre o pavimento de «opus signinum» e encosta as estruturas A' e C'. Esta última, de alvenaria de granito e fragmentos de tijolo, com duas fases de 0,60 m de largura, apresenta um aparelho de excelente qualidade que aproveita silhares almofadados e pedras afeiçoadas de outras construções. Assenta no pavimento de «opus» através de um alicerce definido por uma fiada de blocos ligeiramente salientes em relação ao prumo da parede.

No Sector A, sobre os enchimentos da fase anterior foi construída a estrutura B, que se desenvolvia em arco de círculo definindo uma planta absidal em arco prolongado.

Assentando directamente na arena granítica, era formada por grandes silhares de granito almofadados, dispostos em duas linhas paralelas limitando um enchimento interior de cascalho, calhaus e argamassa de terra argilosa, totalizando uma espessura de 1,20 m. Montados em fiadas horizontais regulares, apresentavam as «almofadas» viradas para o exterior, definindo na face interna da parede uma superfície lisa e na externa uma superfície irregular.

Esta estrutura associava-se a vestígios de pavimentação interior, definida por uma fina camada horizontal de argamassa amarela, bastante consistente.

Tanto no Sector A como no B, as camadas associadas às construções descritas ofereceram espólio cerâmico relativamente abundante, predominando fabricos não romanos. Individualizou-se para esta fase um grupo de cerâmicas cinzentas, bem cozidas, com paredes pouco espessas e geralmente com superfícies alisadas, por vezes polidas. As pastas apresentam grãos de quartzo não boleados, por vezes de grandes dimensões, e abundantes elementos de micas. Aparece muito fragmentada.

Interpretamos a estrutura B do Sector A como um troço da ábside Sul da primitiva igreja de Dume, cuja configuração, atendendo ao traçado do alargamento posterior (ver Fase III), nos sugere uma planta absidal tipologicamente enquadrável na arquitectura pré-românica, adentro do período vulgarmente designado Suevo-Visigótico (ALMEIDA 1962; CABALLERO ZOREDA 1987; COUTINHO 1978; SCHLUNK 1978). Admitimos mesmo, que possa corresponder ao edifício que o Bispo S. Martinho sagrou sede da diocese de Dume, em 558, e cuja construção é expressamente referida em documento do último quartel do Séc. VI⁷.

Relativamente às estruturas do Sector B, o seu idêntico posicionamento estratigráfico relativo e a sua associação a cerâmica do mesmo tipo da proveniente do Sector A, levam-nos a colocá-las num momento cronológico próximo

⁷ S. Gregório Turonense, contemporâneo de S. Martinho de Dume nos «Miracula S. Martini», Livro IV, cap. 7, refere a existência de um templo em Dume, que teria sido construído cerca de 550: «... Erat enim eo tempore Miro Rex Civitate illa, in qua decessor ejus Basilicam Sancti Martini aedificaverat,...» (AMARAL 1803-4).

do da estrutura B do Sector A. Em termos de interpretação, afigura-se-nos plausível que correspondam a vestígios do célebre mosteiro de Dume, que as fontes documentais referem ter sido fundado pelo Bispo S. Martinho junto a igreja de Dume, «virado a Braga» (AMARAL 1803-8 e FERREIRA 1928-59), e que portanto teria sido construído aproveitando a «villa» romana pré-existente.

Fase 3 — Um conjunto de estruturas e camadas correspondentes ao alargamento da primitiva igreja, no Sector A, e a redução do espaço construído, no Sector B, definem o terceiro momento na ocupação do sítio.

O referido alargamento traduziu-se na desmontagem parcial do edifício anterior (estrutura B), ao qual se adossou, pelo lado externo, uma nova parede (estrutura C). O antigo templo ficou completamente soterrado pela nova construção, cujo traçado parece ter sido determinado pelo pré-existente conforme mostrava o acoplamento das paredes na ábside Sul.

De facto, a estrutura C surgia encostada à face externa da estrutura B, que envolvia em toda a sua extensão, prolongando-se ainda para Este e para Oeste, revelando os arranques respectivamente da ábside da cabeceira e do corpo da nave (?). Um pequeno troço desta estrutura foi ainda detectado a Norte da igreja paroquial, revelando a existência de uma ábside Norte.

Com uma largura média de 0,80 m, implantava-se solidamente na arena granítica através de uma vala de fundação ligeiramente mais larga que a parede. A construção era em alvenaria de pedra e fragmentos de tijolo, revelando as suas faces um aparelho regular e de boa qualidade, dispondo-se os blocos em fiadas horizontais. Ao nível do alicerce apresenta blocos de maiores dimensões, alguns com vestígios de «almofada», colocados espaçadamente e ligeiramente salientes em relação ao prumo da parede.

Na ábside Sul aparecia com um pavimento de excelente qualidade que se sobrepunha a estrutura B: era de argamassa feita com fragmentos irregulares de tijolo e pedra (granito e calcário), com cerca de 4 cm de comprimento médio, misturados com cal, areia e barro, formando uma espécie de betão extremamente compacto, com uma espessura média de 10 cm. Esta camada de argamassa assentava sobre uma camada de calhaus e cascalho, que funcionava como forro do pavimento propriamente dito, isolando-o do contacto com os sedimentos subjacentes. A superfície embora desnivelada, apresentava-se uniforme, revelando vestígios de uma fina camada superficial de barro vermelho.

No troço Oeste da ábside Sul, junto ao arranque do corpo da nave (?), apresentava uma entrada definida por uma soleira e um cunhal. Neste troço apresentava ainda uma espécie de rodapé exterior, formado por fragmentos de tijolos e de telhas e placas de ardósia, com uma largura aproximada de 0,40 m, e que na parte correspondente à soleira dava lugar ao que parecia ser um

degrau, formado por três tijolos com restos de mosaicos⁸.

O aspecto construtivo mais interessante da estrutura que temos vindo a descrever estava, porém, nos apêndices que arrancavam radialmente do topo da ábside Sul, e que interpretamos como contrafortes (estruturas C1, C2 e C3). Apenas um deles foi detectado em toda a sua extensão, apresentando as mesmas características construtivas da estrutura C, acima descritas. Tinha um comprimento de 2,30 m e 0,50 m de largura, terminando por um travamento em bloco de granito com a largura da parede.

A disposição dos vestígios revela uma planta cruciforme com os braços definidos pelas ábsides semicirculares prolongadas, sendo possível reconstituir a quase totalidade do seu traçado a excepção da parte que corresponderia a nave da igreja.

Factos históricos relatados pelas fontes escritas⁹, mais do que o espólio recolhido referenciável a esta fase, sugerem-nos uma cronologia que se poderá situar entre finais do Séc. IX e inícios do Séc. XII, correspondendo, grosso modo, ao período da Reconquista Cristã e de afirmação da nacionalidade.

No Sector B verificou-se uma redução do espaço construído, resultante do adossamento de novas paredes (estruturas B' e E') a face interna das estruturas mais antigas (A' e F'). Apenas com uma face, apresentavam um enchimento de calhaus e cascalho com terra, dispersos caoticamente, atingindo uma largura de 0,80 m. O aparelho era irregular, denotando uma construção pouco cuidada. Sem vala de fundação, assentavam em estratos subjacentes de abandono.

Embora o espólio cerâmico e a sequência estratigráfica nos permitam situar estas estruturas no mesmo momento ocupacional, verificamos existir uma nítida diferença de qualidade construtiva entre as estruturas do Sector A e as do Sector B: bem alicerçadas e com um aparelho cuidado no primeiro; de construção fruste e irregular no segundo. Esta discrepância técnico-construtiva revela-nos uma distinção entre o edifício religioso e as construções próximas, não sendo possível, porém, definir a função correspondente a estas últimas.

O enterramento (estrutura D) identificado no interior da ábside Sul, ter-se-ia efectuado num momento terminal da ocupação correspondente a esta terceira fase. A sua implantação traduziu-se no rompimento do pavimento da

⁸ Com uma temática decorativa geométrica, com paralelos nos mosaicos romanos do «Conventus Bracarenensis» (ACUNA CASTROVIEJO 1974), apresentam a particularidade de as «tesse-lae», com cerca de 1cm de lado, assentarem sobre tijolões com as dimensões médias de 30 x 40 x 10.

⁹ A doação de Dume ao Bispo de Mondonhedo, S. Rosendo, em 877; a delimitação do termo de Dume e confirmação da doação anterior, em 911; o processo de restauração da Diocese de Braga que se desenvolveu por finais do Séc. XI; e finalmente, a devolução de Dume à Diocese de Braga, em 1103, constituem indícios seguros da movimentação de interesses religiosos, políticos e económicos em cujo contexto fará mais sentido a reconstrução da igreja (COSTA 1959 e 1965).

estrutura C e estratos inferiores, e na desmontagem e aproveitamento parciais da estrutura B. De forma trapezoidal alongada, ligeiramente mais estreita a Oeste e mais alargada a Este, apresentava paredes formadas por grandes blocos de granito afeiçãoados e fundo de terra. A cobertura era composta por uma grande laje de calcário e duas mais pequenas de granito. No interior encontravam-se restos osteológicos de um indivíduo, amontoados na parte centro-Oeste, posição que sugere ter sido alvo de violação.

Fase 4 — Nesta fase incluímos remeximentos, repavimentações, construção de anexos, enterramentos e abertura das primeiras vales de saque de pedra, que corresponderiam a definitiva desactivação da igreja e construções próximas, provavelmente já em ruínas.

Estas estruturas e enchimentos articular-se-iam, embora não tenha sido obtida uma relação estratigráfica evidente, com a construção de novos edifícios religiosos de concepção arquitectónica absolutamente distinta. Referimo-nos à actual igreja da paróquia e à capela de N. S. do Rosário, cujas edificações se terão realizado entre os Sécs. XVI e XVII.

Fase 5 — Corresponde aos revolvimentos e perturbações mais recentes, relacionado-se quer com a ampliação do corpo Este da actual igreja quer com a reconstrução da casa e jardim da propriedade que limita o adro do lado Sul. Estes revolvimentos provocaram significativos danos nas ruínas arqueológicas e simultaneamente na estratigrafia, dificultando a interpretação pormenorizada da sequência ocupacional do sítio.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objectivo fundamental das escavações foi atingido, comprovando-se quer a existência de vestígios arqueológicos quer a sua importância e valor histórico-científico.

A área intervencionada, apesar de corresponder a uma pequena parte de área ameaçada, ofereceu bastante espólio cerâmico e revelou uma sobreposição de estruturas bastante significativa, atestando uma ocupação que se estende do Séc. I d.C. até aos nossos dias.

Reveste particular importância o que tudo indica ser a igreja e mosteiro alto-medievais de Dume.

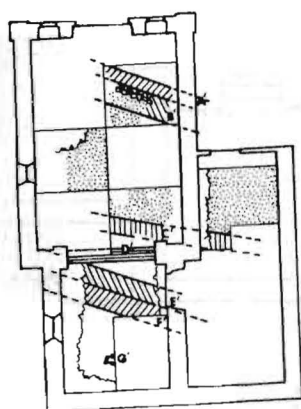
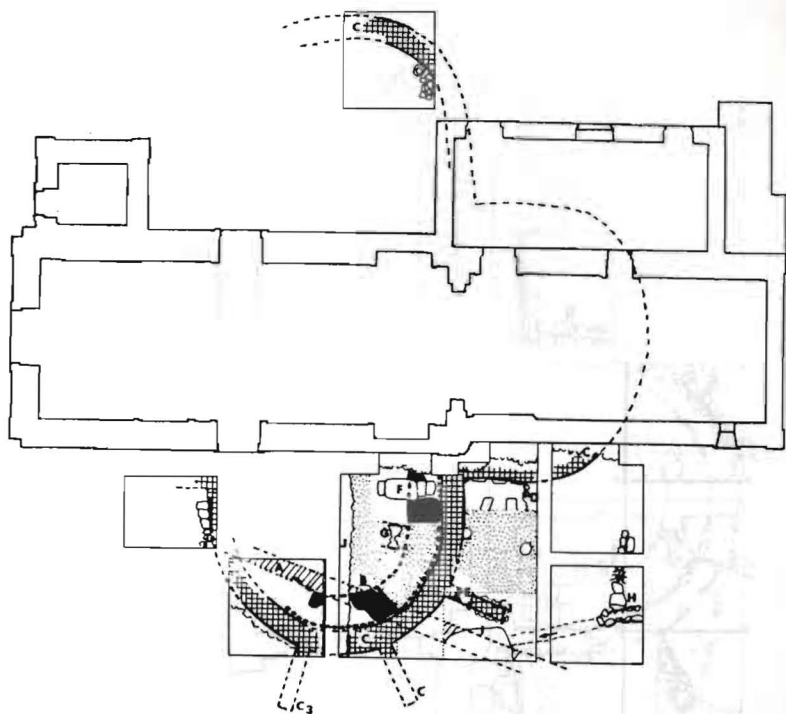
A potência estratigráfica existente, o relativo bom estado de conservação das ruínas e mesmo alguma monumentalidade, aliadas à rica sequência ocupacional cuja primeira e provisória leitura intentamos nas páginas precedentes, oferecem amplas perspectivas para o estudo desta estação: aspectos arquitectónicos-decorativos; estruturação do espaço envolvente e articulação

templo/mosteiro; tipologias e fabricos cerâmicos; evolução temporal e características da ocupação — são algumas das múltiplas questões que ficaram em aberto e que só futuras escavações arqueológicas poderão dar resposta.

Braga, Setembro de 1988

BIBLIOGRAFIA

- ACUNA CASTROVIEJO, Fernando (1974) — «Mosaicos Romanos de Hispania Citerior, III», *Conventus Bracarenensis*. Santiago de Compostela.
- ALARCÃO, J. e A. (1965) — «Vidros Romanos de Conímbriga». *Museu Monográfico de Conímbriga*.
- ALMEIDA, Fernando de (1962) — «Arte Visigótica em Portugal», *O Arqueólogo Português*, Nova Série, IV, Lisboa.
- AMARAL, António Caetano do (1803) — «Vida, e opúsculos de S. Martinho Bracarense», Lisboa.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1732) — «Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga», Lisboa.
- CABALLERO ZOREDA, Luis (1987) — *Hacia una propuesta tipologica de los elementos de la arquitectura de culto cristiano de época visigoda (Nuevas iglesias de El Gatillo e El Trampal)*; «Arqueologia Medieval Española, II Congreso», I: Ponencias, Madrid.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1959) — «O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga», I, Coimbra.
- IDEM (1965) — «Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae», Braga.
- COUTINHO, João de Moura (1957) — *Os Sarcófagos de Dume na Arte Pré-Românica*. «Bracara Augusta», VIII, n.ºs 3-4 (37-38), Braga, pp. 283-294.
- IDEM (1978) — «As Artes Pré-Românicas em Portugal. S. Frutuoso de Montélios», Braga.
- FERREIRA, José Augusto (1928) — «Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga», I, Braga.
- FREITAS, Bernardino José de Senna (1890) — «Memórias de Braga», I, II, Braga.
- LEAL, Pinho (1874) — «Portugal Antigo e Moderno», 2, Lisboa.
- MACIEL, Manuel Justino Pinheiro (1980) — «O "De Correctione Rusticorum" de S. Martinho de Dume», Braga.
- MARTINS, Maria Manuela (1987) — «O Povoamento Proto-Histórico da Bacia do Curso Médio do Cávado», Braga (tese de doutoramento policopiada).
- SCHLUNK, Helmut e T. Hauschild (1978) — «Hispania Antiqua», Mainz an Rhein.
- SILVA, Manuel (1919) — «Dume e o seu primeiro Bispo», Póvoa de Varzim.
- TRANOY, Alain (1981) — «La Galice Romaine», Paris.

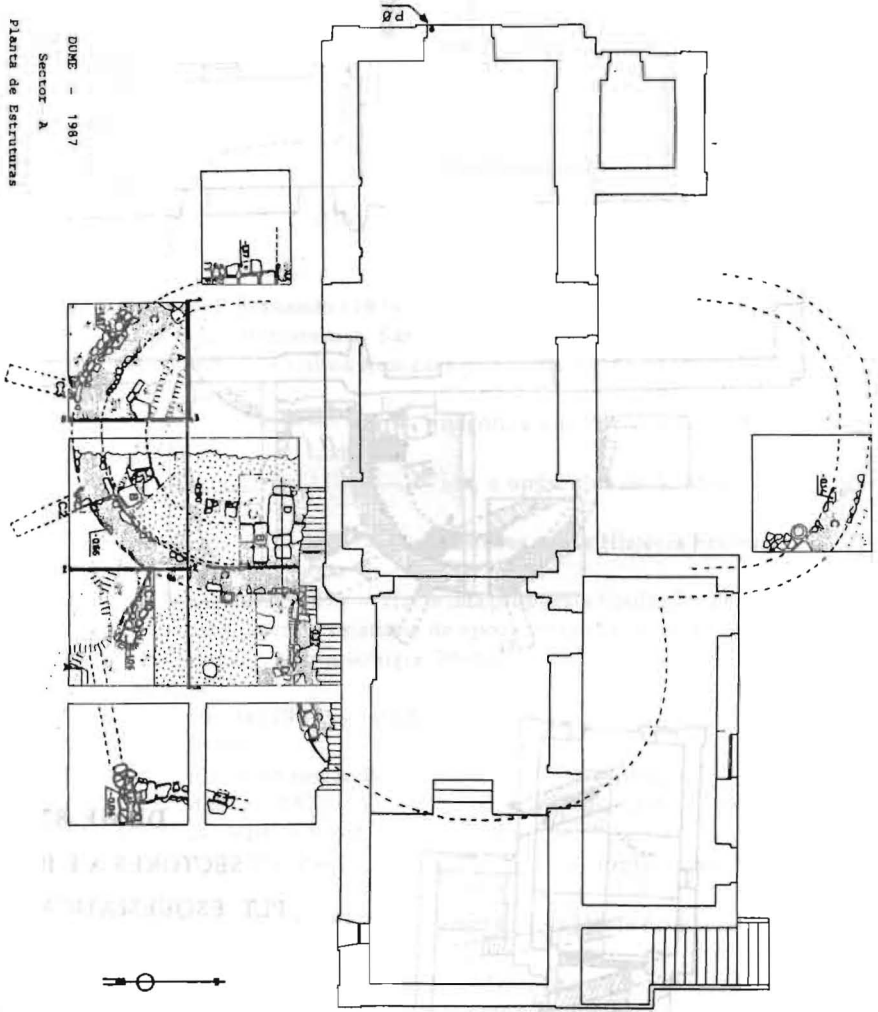


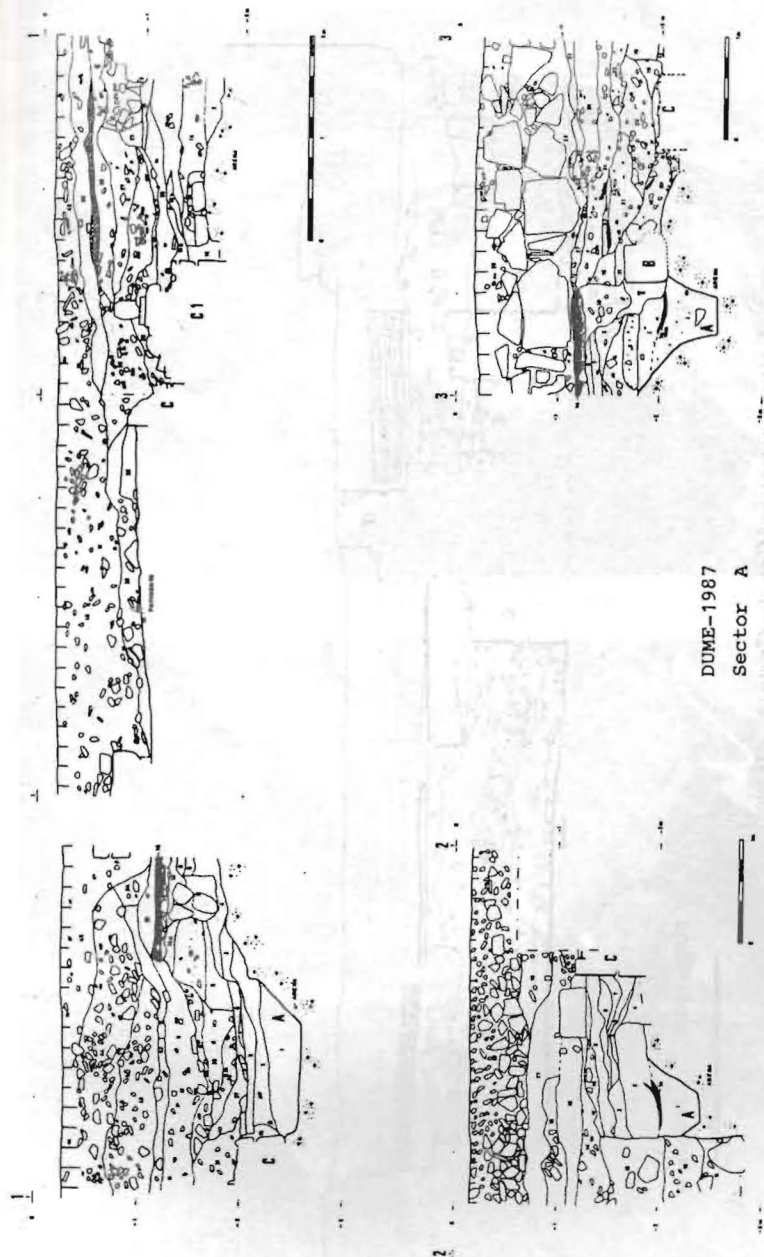
DUME-87
SECTORES A E B
PLT. ESQUEMÁTICA

DOME - 1987
Sector A
Planta de Estructuras

• MÓDULO

• MÓDULO





Leitura estratigráfica dos Cortes 1, 2 e 3

Leitura estratigráfica do Corte A - B

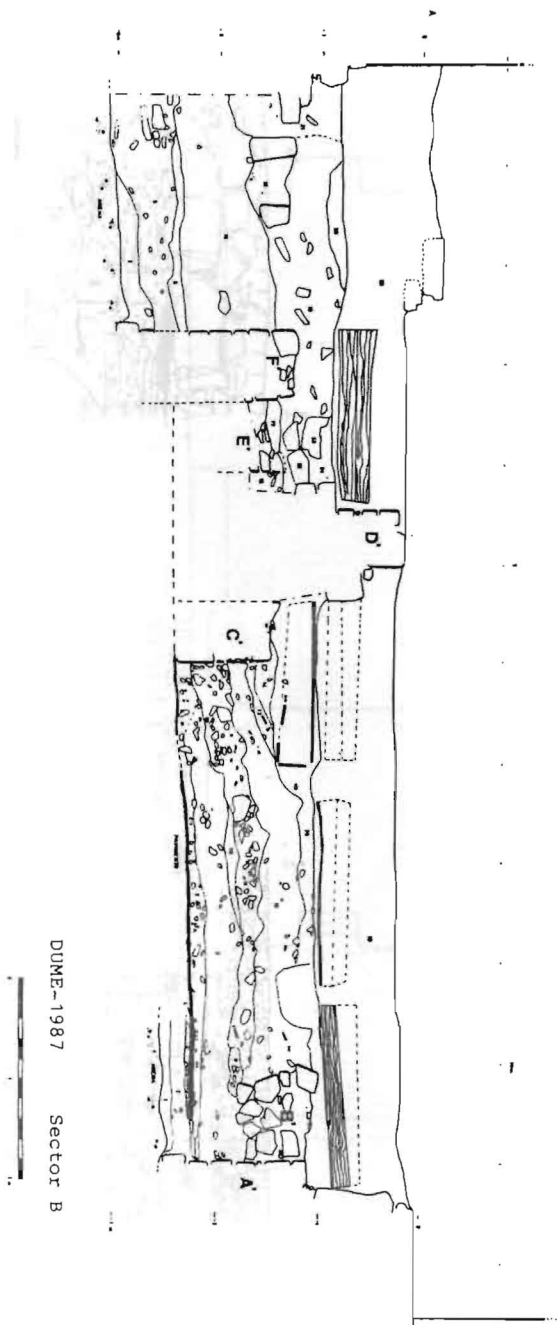




Foto 1 — Aspecto parcial da ábside Sul ao nível da FASE III.



Foto 2 — Topo da ábside Sul. Pormenor do acloppamento das paredes e da contrafortagem.